

O paciente, o analista, a dúvida e a lagartixa

Nelson Cristini Júnior

Resumo: O presente artigo apresenta, de maneira criativa, um recorte de caso clínico articulando-o com a função do analista.

“Para pegar uma lagartixa, é preciso saber como ela pensa.”

É assim que o paciente descreve, de maneira muito espirituosa, a cena em que procurava uma lagartixa que insistia em se esconder dele.

O pequeno réptil tirava o sossego de sua amante. Depois de muitos apelos dela, que não conseguia dormir, ele vai até a cozinha do apartamento, vassoura em punho, a fim de resolver a questão.

“Imagine só, eu e ela, nus, eu de vassoura na mão, procurando a tal da lagartixa, porque já não estava mais onde ela tinha visto antes. Podia estar em qualquer lugar, mas eu encontrei.” – dizia ele, no divã.

No contexto em que vinha, o relato procurava afirmar muitas coisas: capacidade de improviso, astúcia, potência sexual e uma racionalidade suficiente para tudo compreender e antecipar. Era uma resposta a um pai exigente, mas servia também como resposta à esposa, que andava questionando suas capacidades. Pela via da transferência, não deixava de ser um aviso ao analista: “sei o que você pensa, e por isso não preciso de você, posso resolver minhas coisas sozinho”.

Suas queixas mais recorrentes eram de sua esposa, com quem já não se deitava há anos. Ele se sentia cobrado por ela em tudo, no desempenho profissional, em casa, nas tarefas e “responsabilidades de homem”. Não tinha filhos. Dizia que não os teve para não manipulá-los, o que seria inevitável no decorrer da educação de uma criança.

Lembrando-se de seu pai, reclamava que nunca foi elogiado por ele. Ressentia-se do fato de que seu pai sempre o comparava a alguém melhor: “Olha só como faz o fulano, você devia ser assim.” Conta com amargor, mas não sem um certo ar de vingado, o engano cometido por seu pai quando o chamou de vagabundo por não ter desempenhado uma tarefa qualquer, sendo em seguida vergonhosamente desmentido

por um diagnóstico médico de uma afecção pulmonar que causava fadiga extrema. Esse pai injusto tinha pavor de lagartixas.

A sua parceira sexual, dedicava um afeto um tanto distante. Não deixaria seu casamento, que permitia a ele alguma liberdade, por um relacionamento que certamente haveria de aprisioná-lo.

A caça à lagartixa era uma dessas cenas cheias de sentido pelas quais passa uma análise.

Ele havia acabado de fazer sexo com a amante e ainda iria protegê-la do perigo, caçando o réptil invasor. Isso provava o quão equivocadas eram as cobranças incômodas da mulher, essa sim, incapaz de despertar nele o caçador nato.

Seu pai havia sido superado. O filho, que chegou também a temer lagartixas na adolescência, agora as exterminava a partir de uma estratégia fria, racional e meticulosa, o oposto do medo que o pai sentia.

A amante, que o considerava o parceiro ideal e o reclamava para si, deveria contentar-se com o que ele podia oferecer. E ele controlava cuidadosamente o que a ela oferecia, deixando claro o que aceitaria ou não entre os dois.

A caça à lagartixa era uma dessas cenas cheias de onipotência pelas quais passa uma análise.

Saber como pensa uma lagartixa não é apenas uma tirada espirituosa. É pensar ser possível saber como pensa o outro. É pensar pelo outro. Implica viver num mundo de pensamento único. Importa em decepcionar-se e ficar confuso constantemente, porque as coisas não saem como o previsto, oscilando dolorosamente entre as ilusões de onipotência e completa impotência.

Quanto a mim, o analista, já havia sido avisado que a análise teria um termo final, a data em que o psiquiatra concordasse em retirar o antidepressivo. Era por isso que estávamos ali.

Às voltas com a minha própria onipotência, ia colecionando angústias: será que houve interpretação ou falei à toa? Será que falei demais? Haveria algum efeito no paciente, que confirmasse a realização de um trabalho? E aquele lapso, digno de um texto metapsicológico? Deveria eu tê-lo deixado passar? E aquele sonho, então? Quanta coisa saiu dali, tudo rejeitado. Era pura resistência ou ...

Eu tentava entender, a cada momento, que lugar me era reservado no jogo transferencial. Estaria sujeito a ataques, como o pai ou a esposa? Alguém a ser

dominado, como a amante? Era convocado como testemunha? Seria uma lagartixa, talvez?

Buscava ajuda na teoria. Encontrava respostas que até faziam pensar, mas não se encaixavam no caso. É verdade, havia me esquecido da singularidade do paciente. A história e o discurso dele eram únicos. Erro meu.

Entregava então essas questões à supervisão. Confirmava que algum trabalho estava sendo realizado. Afinal, o paciente vinha às sessões, produzia lapsos, trazia sonhos, discordava, discutia, havia transferência. Eu ajustava posturas, revia posições, lembrava das tarefas de um analista, planejava evitar conluíus com o paciente. Tentava eliminar erros meus.

Na análise pessoal, descobria pontos cegos. Com alguma dificuldade, admitia e ia aceitando os tais erros. Com o tempo, passei também a aceitar o fato de que era humanamente falível e que os temidos equívocos não eram assim tão destrutivos. Novidade das novidades, eu também não era onipotente.

Compreendi que sustentar a posição de analista, antes de qualquer outra coisa, significa suportar a angústia do outro - e a própria. Uma boa base teórica é fundamental, mas não nos salva. Achei que já soubesse, mas acabei redescobrimo que uma análise é um trabalho a dois. Nem o preparo do analista nem a vontade do paciente garantem nada. Além do mais, sempre haverá a dúvida do analista. É justamente a dúvida que permite o seu trabalho, pois sem ela, não haveria necessidade de análise, ele já saberia tudo.

Acabei entendendo porque o manejo da transferência é uma aposta. E vale aqui uma rápida digressão sobre essa aposta. Não se trata de um ato irresponsável, mas carregado de tudo o que o analista pode oferecer: sua própria análise, sua referência teórica, sua dívida com a psicanálise, seu investimento na prática analítica e no próprio paciente. Numa aposta analítica, como em qualquer outra, há um investimento e um risco, às vezes alto, e não há controle ou certeza possíveis.

Aquele paciente foi embora. Havia dado prazo à sua análise. Cumpriu o que havia estipulado, afinal. Deixou um trabalho em andamento, apostas feitas, questões em aberto. Mas ainda não podia desrespeitar as metas e os limites de tratamento que se havia imposto desde o início. No entanto, resta a dúvida se eu e a coitada da lagartixa poderíamos ou não ter sido mais criativos.